

Desde o segundo trimestre de 2014 a indústria tem apresentado resultados trimestrais negativos segundo apuração do PIB do setor, tanto no plano nacional como no estado paulista.

Esta trajetória levou a reduções significativas no valor adicionado trimestral gerado pelo setor industrial no período, com reflexos negativos aos demais setores. Segundo dados do IBGE, na comparação entre os anos de 2016 e 2013 a redução foi de mais de 12%.

Em um cenário de retração, ainda que em desaceleração, o número de desempregados continua aumentando, somando cerca de 13,8 milhões de desocupados no trimestre encerrado em maio deste ano segundo a PNAD contínua do IBGE.

Na região do Grande ABC a taxa de desemprego apurada para o trimestre março/maio pelo SEADE foi de 16,4% da PEA, um pouco inferior aos 17,1% apurados em igual período de 2016. Em um universo com mais de 220 mil pessoas desempregadas, somente o setor industrial perdeu mais de 67 mil empregos formais desde 2012 na região segundo dados do Ministério do Trabalho.

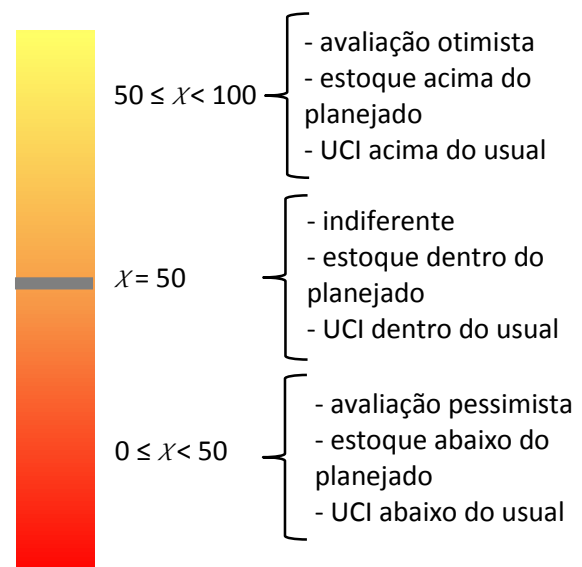
O ano de 2017 começou com expectativas mais positivas e alguns poucos indicadores sinalizavam esta melhora, como a redução a perda de empregos, diminuição do ritmo de queda da atividade produtiva, melhora do cenário às exportações, entre outros. Entretanto, nos últimos meses as expectativas arrefeceram diante das turbulências políticas e as incertezas quanto a capacidade do governo realizar algumas reformas prometidas e manter os pilares postos para a promoção de uma política econômica de ajuste.

Comparando o Índice de Confiança dos Empresários da Indústria (ICEI) de julho deste ano com o mesmo período de 2016, observa-se significativo aumento. Entretanto, se compararmos o ICEI de julho com o de março deste ano, constataremos uma queda no grau de confiança dos industriais.

A Sondagem Industrial (SI) e o Índice de Confiança (ICEI) são elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no estado paulista. A Universidade Metodista, por meio do Observatório Econômico, vem realizando a análise conjuntural da indústria do Grande ABC, em parceria com a CNI e FIESP.

O indicador para cada item questionado é formado a partir da ponderação pelas respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados da pesquisa, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X:



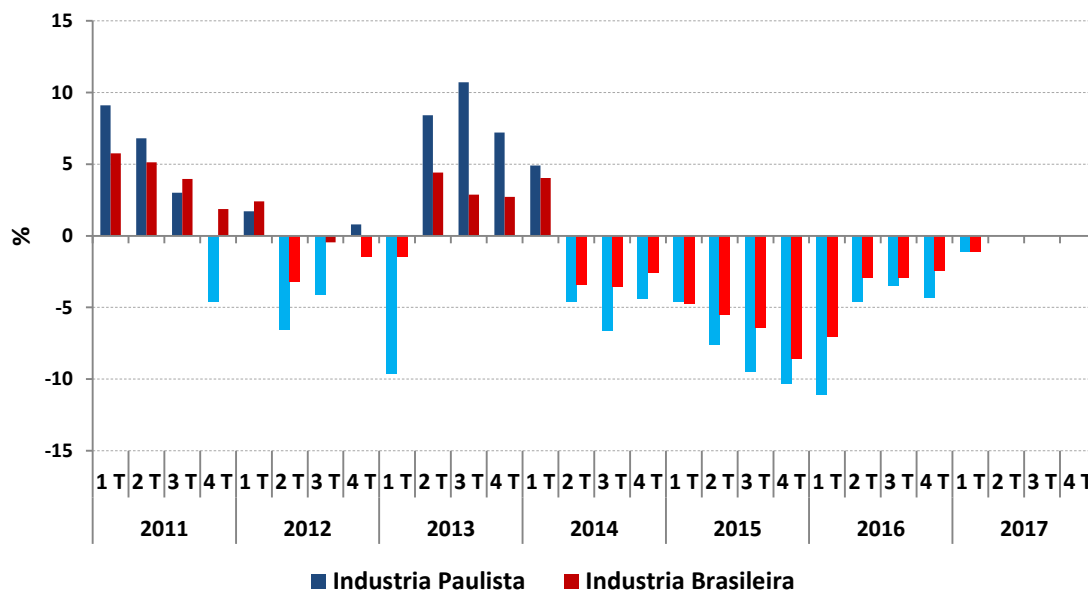
Produção Industrial sob compasso de espera

O ciclo de recessão do PIB industrial brasileiro acumula 12 trimestres, tendo iniciado no primeiro trimestre de 2014. Ainda que se observe uma desaceleração do ritmo de redução da atividade econômica do setor, que encolheu 1,1% no primeiro trimestre desse ano, isso não trás garantias de que caminharemos para uma trajetória de recuperação nos próximos trimestres.

A indústria paulista apresenta um ciclo idêntico, mas com uma intensidade maior, haja vista o peso do setor na cadeia de produção do estado.

De acordo com dados da Produção Industrial Mensal do IBGE (PIM), com um desempenho melhor que nos anos anteriores, no acumulado do primeiro trimestre deste ano a produção industrial aumentou 0,98% no Brasil e 0,46% em São Paulo. Entretanto, com as incertezas do cenário político econômico, no acumulado dos primeiros cinco meses as varrições foram de 0,54% e -0,63%.

Taxa de Variação Trimetral do PIB Industrial



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais /IBGE

Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

Diferentemente dos últimos dois anos, a Sondagem Industrial apontou no primeiro semestre

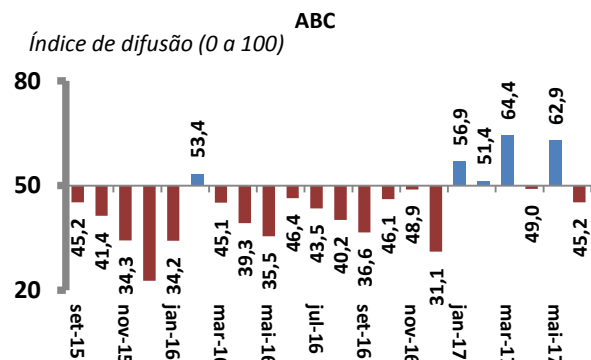
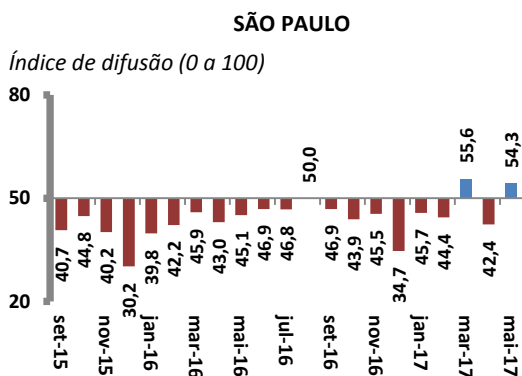
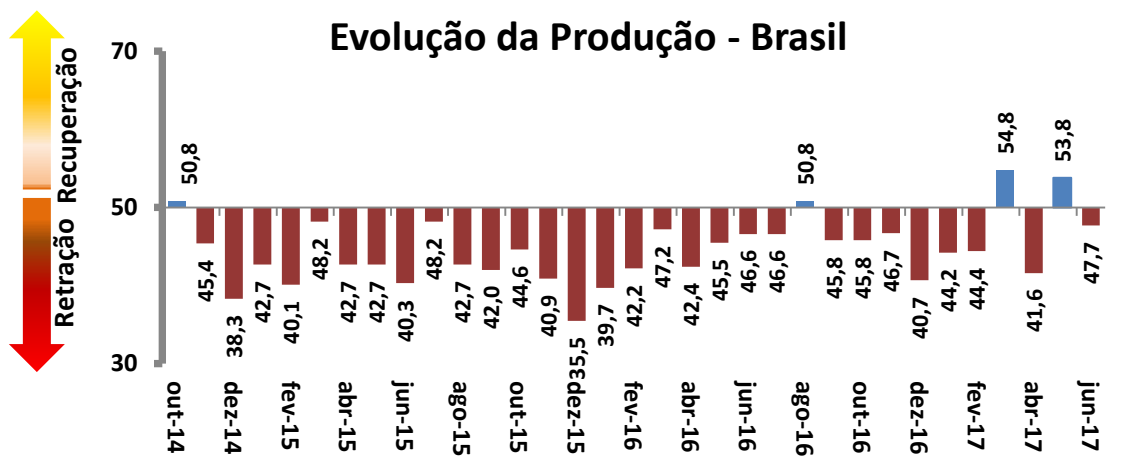
do ano uma trajetória mais positiva para a produção industrial, tanto no nível nacional como regional. O

aumento da frequência de meses com resultados que apontam a ocorrência de aumento na produção na comparação com os meses imediatamente anterior são influenciadas pelo aumento da demanda, redução dos estoques das empresas, e também pela baixa base de comparação em virtude da trajetória de queda da produção.

As indústrias do Grande ABC apontaram aumento de produção em quatro dos seis primeiros meses deste ano, cujo reflexo pode ser observado também na melhora dos volumes de exportação e da Balança Comercial da região, como também na redução do volume de perdas de emprego no setor, que ainda continua negativo, e na redução da ociosidade da capacidade produtiva industrial.

É importante ponderar, contudo, que a Pesquisa Mensal de Produção Industrial do IBGE, após registrar um aumento de produção no primeiro trimestre deste ano na indústria paulista, quando comparado a igual período de 2016, voltou a apontar redução nos meses abril e maio, concretizando um resultado negativo nos primeiros cinco meses do ano.

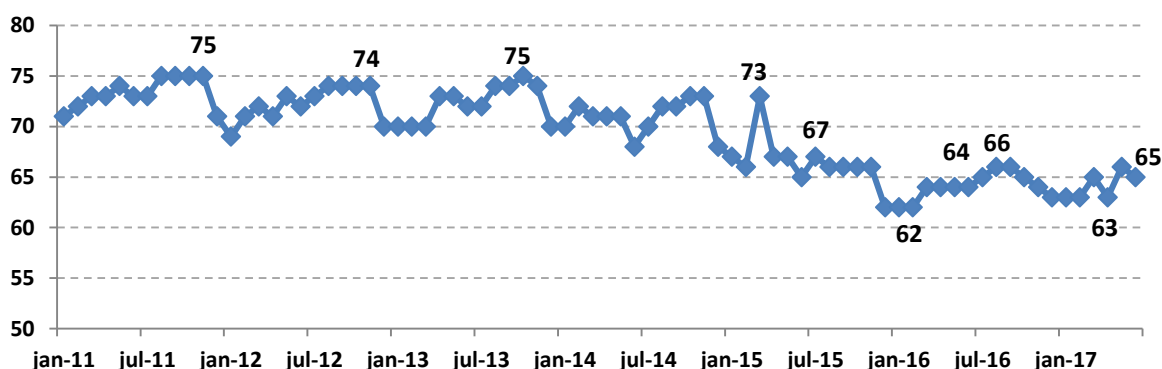
Esta oscilação na trajetória da produção se deu em função das turbulências e incertezas político econômicas dos meses recentes. O desenrolar dos problemas políticos no qual está envolvido o atual governo da república, bem como a realização das medidas para ajuste dos fundamentos macroeconômicos, terão forte influência na trajetória do setor industrial.



Os primeiros meses do ano apresentaram uma pequena melhora no grau de utilização da capacidade instalada na indústria brasileira, embora tenha permanecido praticamente estável na comparação entre junho de 2017 e 2016. Nos últimos 15 meses observa-se certa estabilidade no grau de utilização da capacidade instalada na indústria em um patamar significativamente inferior ao período entre 2011 e 2014, denotando a baixa na atividade produtiva.

A considerar os movimentos sazonais, espera-se que haja uma pequena elevação na utilização da capacidade instalada na indústria no segundo semestre do ano, em especial até o mês de outubro, quando se costuma a registrar os picos de sazonais. Atualmente, a indústria nacional opera com aproximadamente 35% de capacidade ociosa, o que também indica o potencial de retomada do setor em um prazo mais curto, sem a necessidade de realizar significativos investimentos.

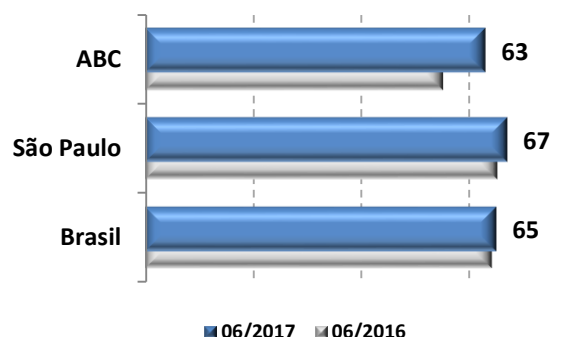
**Utilização de Capacidade Instalada
Brasil (em %)**



Nas regiões Sudeste e no estado de São Paulo, o grau de utilização da capacidade instalada se mostra próximo ao apresentado no plano nacional, registrando uma pequena melhora nos últimos meses.

A região do Grande ABC, embora registre maior capacidade ociosa, nos últimos 12 meses aumentou o grau de utilização da capacidade instalada em aproximadamente 8 pontos percentuais. Com isso, a região trabalha hoje com uma ociosidade de aproximadamente 37%, bastante melhor que os 45% do terceiro trimestre de 2016.

**Utilização da Capacidade Instalada
junho / 2017 (%)**



A avaliação dos gestores industriais quanto à evolução do número de empregados, mantém-se pessimista, ainda que em menor intensidade, acompanhando a redução na perda de empregos do setor apresentados pelo Ministério do Trabalho para a região.

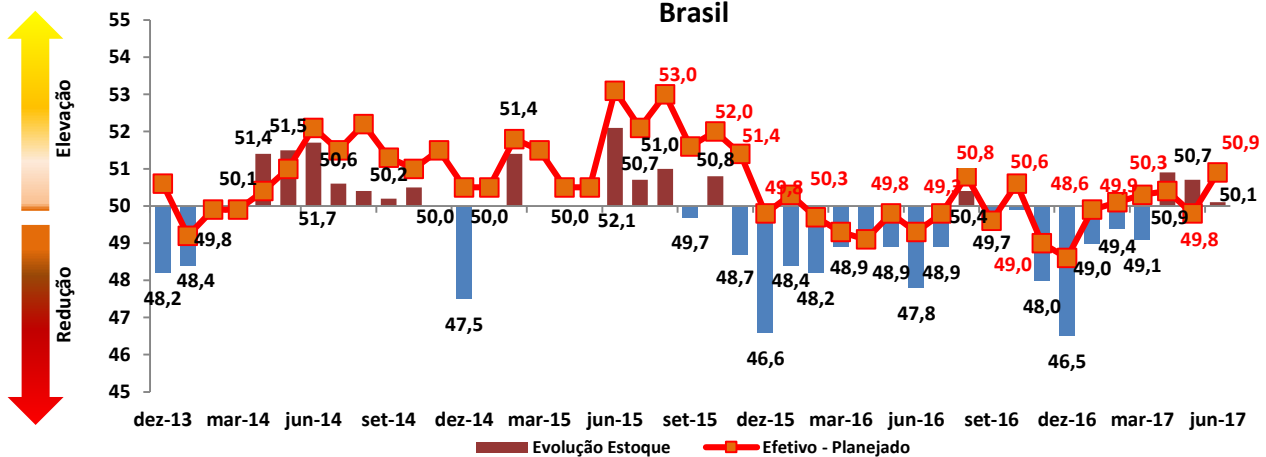
Nos primeiros meses deste ano, diferentemente dos períodos mais recentes, apresentou tendência de elevação, dado em

especial pelo descompasso entre a elevação da produção e das vendas.

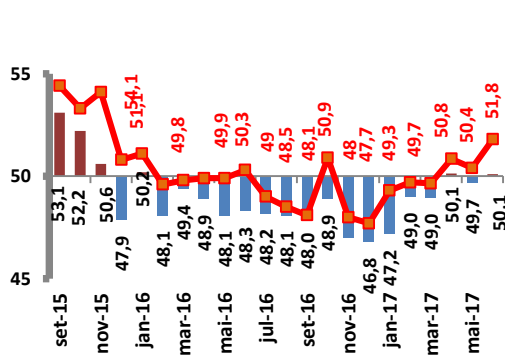
A maior frequência de elevação dos estoques efetivos acima do planejado, junto com a elevação dos estoques, reflete a efetivação de vendas abaixo das expectativas que fomentaram a elevação da produção e estoque em curto prazo.

Fato que demonstra que, por ora, não há elementos sólidos para confirmarmos a existência de um ciclo de retomada da atividade da indústria.

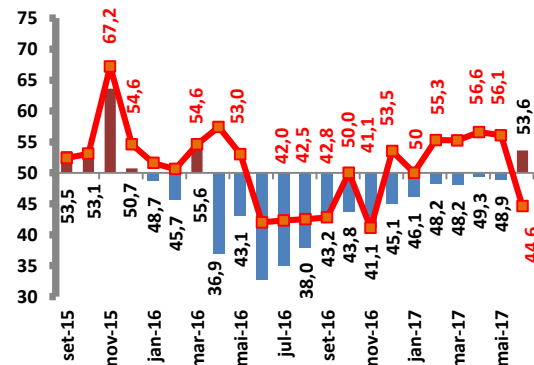
Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação com o Planejado



SÃO PAULO



ABC



A trajetória de queda da intenção de investimentos para os próximos seis meses continua em queda na indústria brasileira há 30 meses, refletindo não só a redução da atividade produtiva, mas também a capacidade ociosa existente e a baixa expectativa com relação à trajetória da economia.

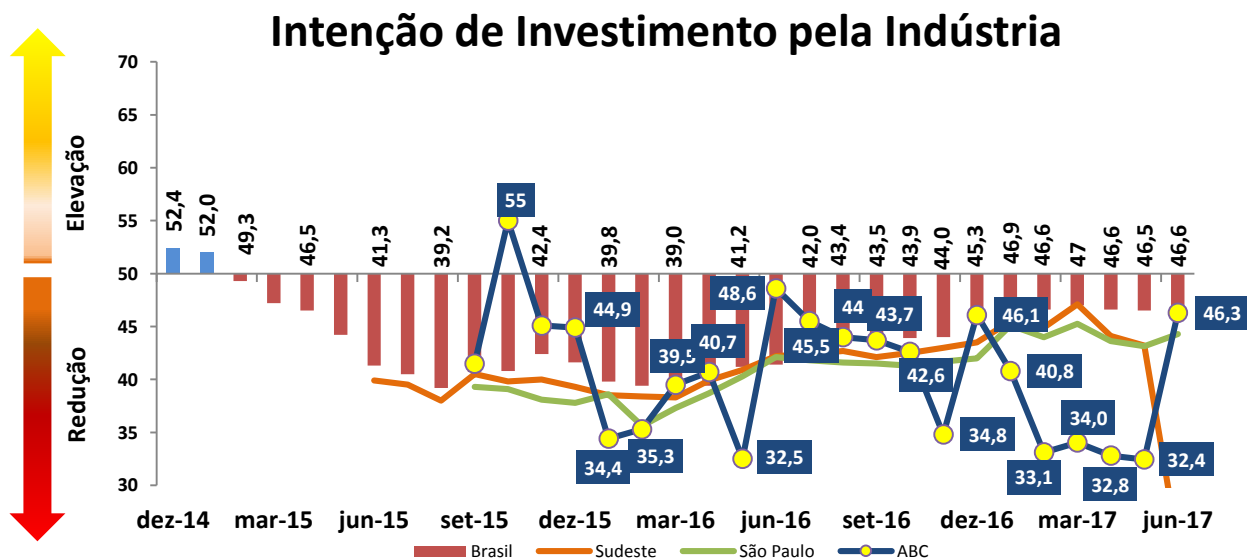
A queda na intenção de investimento também tem sido observada junto às indústrias da região Sudeste, do estado de São Paulo e do Grande ABC.

A redução apresentada no volume de investimento (Formação Bruta de Capital Fixo) nos últimos trimestres no Brasil tem sido influenciada não só pela política contracionista de combate à inflação, com taxas de juros reais elevadas, e de ajuste das contas públicas. A redução dos investimentos públicos e das estatais, importante componente a puxar o volume de investimento e o crescimento da economia brasileira na década

passada, tem repercutido negativamente sobre a atividade econômica de diversos setores, incluindo a indústria, e a geração de emprego e renda.

A região do Grande ABC, onde a indústria revela-se importante indutor dos demais setores da economia, tem apresentado um cenário desfavorável ao setor industrial desde a crise cambial da Argentina, que afetou negativamente as exportações na região, em especial do setor automobilístico. Também afetado pelo cenário econômico nacional dos últimos anos, a intenção de investimentos das indústrias locais percorrem igualmente uma trajetória negativa.

A melhora deste indicador poderá ser encarada como um sinal mais efetivo de retomada da atividade do setor, pois refletirá tanto a expansão da atividade produtiva como da confiança dos industriais, o que, ao que tudo indica, não deverá ocorrer tão logo.



A perspectiva de aumento da demanda dos gestores industriais da região do Grande ABC apresentou-se estável nos últimos meses, após relativa melhora ao longo de 2016. Esta avaliação fez os mesmos gestores reduzir levemente a expectativa quanto a necessidade de aumentar as compras de matérias-primas nos próximos meses do ano. Avaliações que traduzem o comportamento reticente dos industriais, que reduziram o nível de confiança no segundo trimestre deste ano.

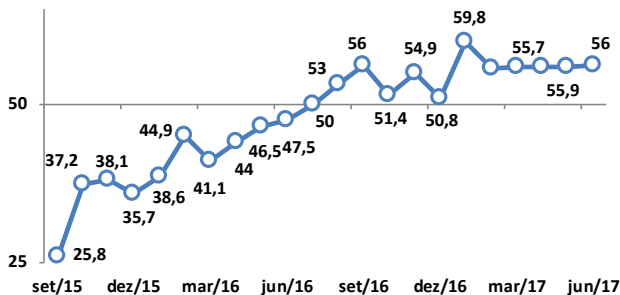
As perspectivas com relação à evolução do número de empregados também se mostram estáveis, mas com uma perspectiva pessimista quando a possibilidade de aumento do número de

empregados, tanto na região do Grande ABC, quanto no nível estadual e nacional. As perspectivas com relação à melhora no nível de exportações foram as únicas a melhorar nos últimos meses, também observado em nível nacional e estadual, influenciados em especial pela trajetória da taxa de câmbio.

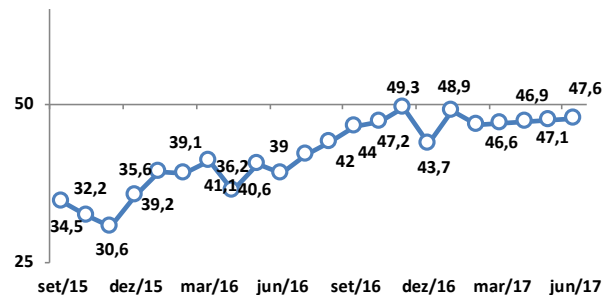
De forma geral, os gestores industriais da região do Grande ABC apontaram perspectivas mais favoráveis no primeiro semestre deste ano, comparativamente ao mesmo período de 2016. Comportamento que também é observado junto à indústria brasileira e a paulista.

Região do GABC Perspectivas do setor Industrial para os próximos 6 meses

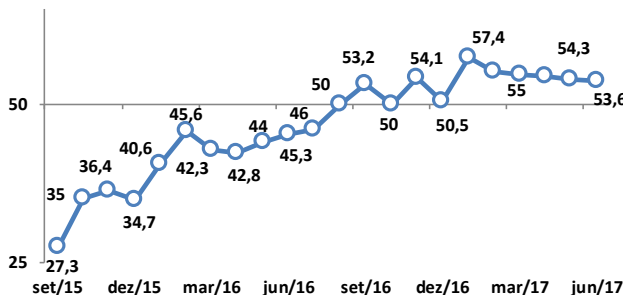
Evolução de Demanda



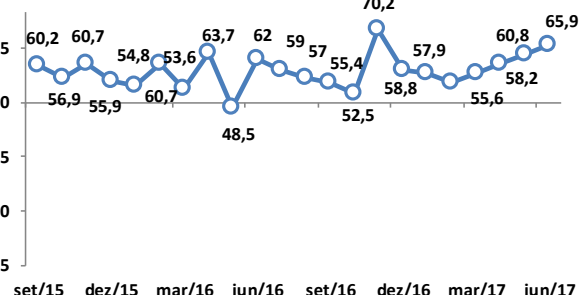
Evolução do número de empregados



Evolução das compras de matéria prima



Evolução da quantidade exportada



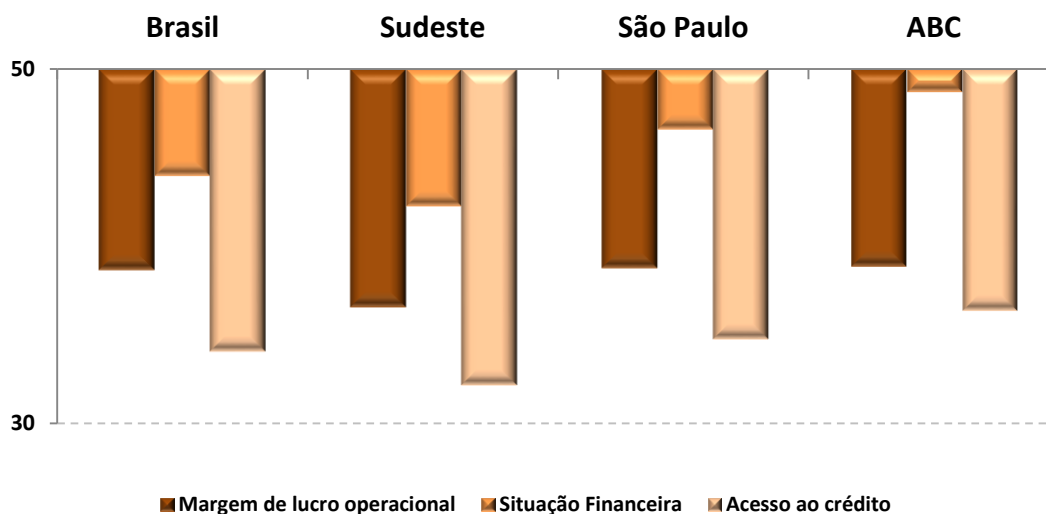
Com relação à condição financeira das empresas do setor, os indicadores da Sondagem Industrial permanecem apontando condições desfavoráveis segundo avaliação dos gestores do setor, considerando a avaliação sobre a margem de lucro, o acesso ao crédito e a situação financeira das empresas.

Entretanto, comparativamente aos resultados observados no final de 2016, houve uma melhora na avaliação das condições financeiras das empresas no primeiro semestre deste ano.

Nesta comparação a região Sudeste apresentou pequena piora na avaliação da margem de lucro e das condições de acesso ao crédito segundo avaliação dos gestores, fato que não se repetiu entre os gestores das indústrias paulistas.

Cabe sublinhar, no entanto, que todas as avaliações continuam negativas, registrando que o setor industrial não enfrenta uma situação financeira tranquila, e certamente é um das principais preocupações dos gestores do setor.

Condição Financeira das Empresas - junho 2017

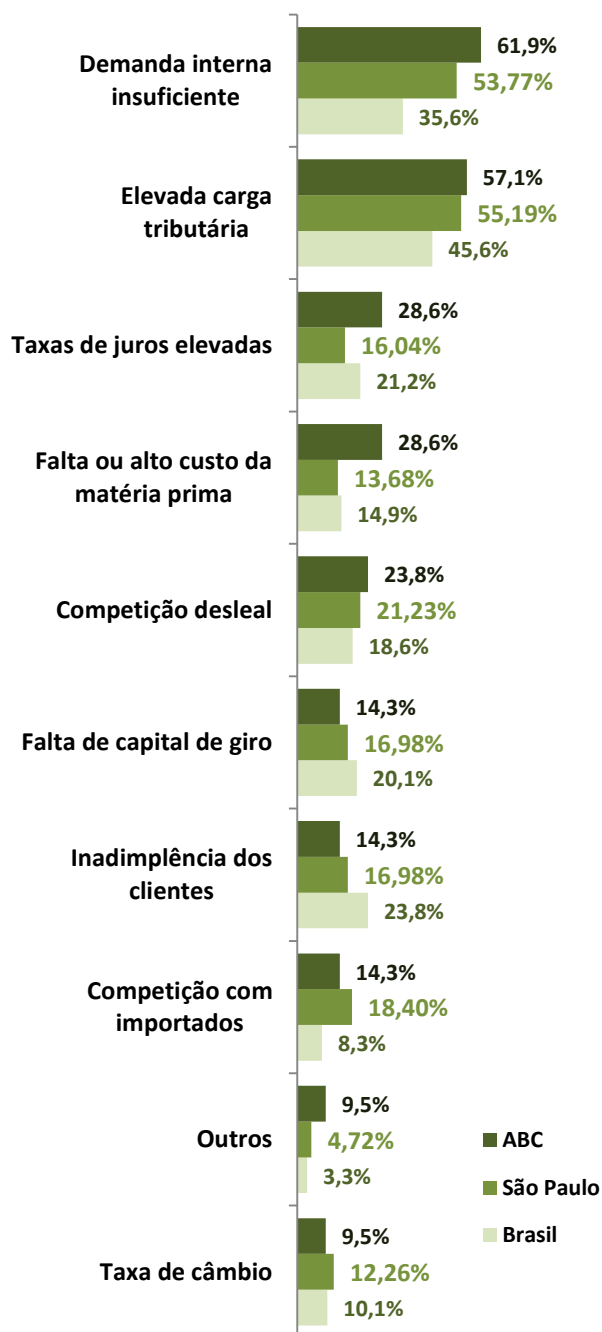


Ao longo dos primeiros meses de 2017 as indústrias do Grande ABC foram as que declararam apresentar uma melhora mais significativa das condições financeiras, quando comparada ao comportamento nacional e estadual. Este se deve, entre outros fatores, à trajetória menos pessimista

da evolução da produção, declarada pelos industriais e pela melhora das exportações.

Relação que evidencia a argumentação das edições do Boletim IndustriABC de que a melhora da condição financeira das empresas está atrelada a melhoria da atividade produtiva.

Principais problemas enfrentados pelas empresas - Junho 2017



Os principais problemas apontados pelas empresas da região do Grande ABC que afetaram suas operações no último trimestre de 2016 foram: a falta de demanda interna, elevada carga tributária e a taxa de juros elevadas. Questões que também são relacionados entre os principais problemas para a indústria nacional e paulista. Comparativamente ao mês de março de 2017, a falta de capital de giro deixou de figurar entre os três principais problemas, embora tenha sido apontado por 30% dos gestores das indústrias do Grande ABC.

Comparativamente a indústria nacional e estadual, os gestores locais pontuaram de forma mais intensa o custo da matéria-prima e a competição com importados. Dado o modelo econômico adotado nas últimas décadas, o setor industrial do Grande ABC tornou-se um grande importador de insumos de produção, tornando a competição com importados um grande desafio às empresas integrantes das grandes cadeias industriais da região, bem como o custo de importação um elemento impactante para as empresas importadoras.

Comparativamente aos períodos anteriores, não se tem observado importantes alterações na relação dos principais problemas que afetam a atividade industrial. Vários deles estão associados a políticas macroeconômicas, como carga tributária, taxa de juros, taxa de câmbio; ou atrelados ao nível de atividade econômica, como volume de demanda e inadimplência.

Indicadores de Confiança da Indústria

Diferentemente do observado nos últimos trimestres, os gestores da região do Grande ABC, que vinham se mostrando mais otimistas, apresentaram um Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) semelhante o declarado em nível estadual e nacional.

Apesar dos indicadores de confiança da indústria terem melhorado nos últimos 12 meses, no último trimestre observa-se uma redução do grau de confiança nos diferentes recortes apurados. As

maiores quedas, contudo, foram observadas no indicador das Condições da Economia e de Expectativas da Economia Brasileira.

Resultados estes influenciados pelo cenário político econômico do Brasil nos últimos meses, no qual o quadro de instabilidade política e de governabilidade se reflete nas perspectivas de manutenção da política econômica e da capacidade de realização de algumas reformas anunciadas.

Indicador de Confiança da Indústria – julho/2017

	Brasil	Sudeste	São Paulo	GABC
ICEI	50,6	48,5	54,5	52,9
Indicador de Condições	44,2	42,6	48,3	50,8
Indicador de Expectativas	53,8	51,5	57,6	54,0
Condições da Economia	41,1	39,9	48,5	45,2
Condições da Empresa	45,9	43,7	48,1	53,6
Expectativas da Economia Brasileira	47,9	45,6	54,6	47,6
Expectativas da Empresa	56,7	54,4	58,8	57,1

A queda nos índices de confiança mostraram-se mais intensas entre os gestores industriais do Grande ABC, comparativamente ao recorte nacional e estadual, após terem apresentado uma expansão mais intensa nos trimestres anteriores.

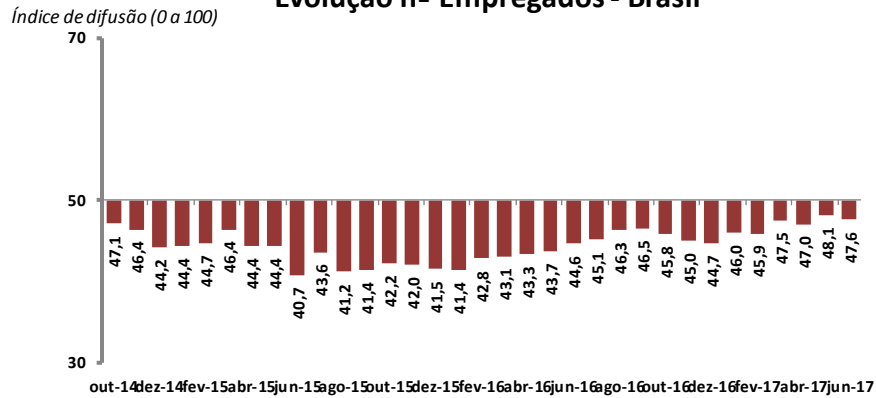
Entretanto, se já se observava um distanciamento entre a melhora das expectativas positivas e a alteração efetiva das atividades do setor industrial na economia, com a piora das expectativas, a retomada da atividade produtiva tende a se alongar um período maior.

Este comportamento tem frustrado aqueles que aguardavam uma retomada da atividade econômica, em especial na indústria, com alguma substancialidade, já em 2017.

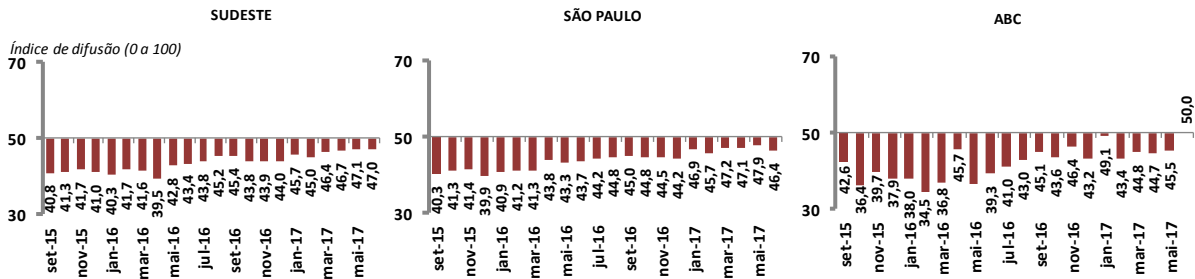
Ao que tudo indica teremos de aguardar mais alguns meses para a retomada da atividade. No Grande ABC, contudo, não podemos desprezar os possíveis efeitos da retomada das exportações ao longo de 2017, em especial na cadeia automobilística, o que poderá repercutir positivamente sobre o setor industrial.

ANEXO

Evolução nº Empregados - Brasil



Evolução nº Empregados



Observatório Econômico
Universidade Metodista de São Paulo
Escola de Gestão e Direito
Curso de Ciências Econômicas

Reitor

Dr. Paulo Borges Campos Jr.

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Silvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Dr. Moisés Pais dos Santos

Estagiário

Anderson Thiago dos Santos

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-5035